

A POESIA COMO REFLEXO DA SOCIEDADE

Mércia Eloi da Silva (UEMASUL)

merciaeloidasilva@hotmail.com

Jenaquiela Alves de Sousa (UEMASUL)

jenaquiela@gmail.com

Deivanira Vasconcelos Soares (UEMASUL)

dv.vasconcelos@hotmail.com

RESUMO

A poesia possui ligação direta com o contexto histórico e social, uma vez que o poeta se encontra envolto por uma realidade histórica que lhe serve como inspiração poética. Desse modo, esse estudo parte da tese de que a escrita poética torna-se um reflexo crítico das problemáticas de cada época, de elementos/acontecimentos que se referem à coletividade de forma particular. Nessa perspectiva, é possível tecer comentários no que se refere ao processo de criação literária e construção do pensamento comum de uma sociedade que busca sentido para sua existência. Assim, o presente trabalho visa analisar a ocorrência de aspectos sociais na poesia e compreender este vínculo, a partir de reflexões que perscrutam o fazer poético em diálogo constante e necessário com as mudanças, crises, avanços e retrocessos sociais. Essa pesquisa parte da análise dos poemas “Marginália II”, de Torquato Neto e “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, partindo do procedimento metodológico de investigação bibliográfica baseada, principalmente, nos teóricos Bosi (1977), Candido (2006) e Paz (2012) para fundamentar a investigação que relaciona o literário da poesia e a sociedade. Dessa forma, o objeto de análise aqui proposto é a estreita relação entre poesia e sociedade, por ser possível perceber que desde as primeiras manifestações poéticas, o poema é fruto da vivência de cada período e transfigura-se como eco que se utiliza da linguagem para produzir efeitos políticos e sociais, além de dialogar com diversas áreas de conhecimento. Ressalta-se, ainda, que há a necessidade de incluir a produção poética no cenário de textos com importância histórica, política e de crítica social.

Palavras-chave:

Poesia. Sociedade. Contexto histórico. Escrita poética.

RESUMEN

La poesía tiene una conexión directa con el contexto histórico y social, ya que el poeta está rodeado de una realidad histórica que sirve de inspiración poética. Así, este estudio parte de la tesis de que la escritura poética se convierte en un reflejo crítico de los problemas de cada época, de elementos / eventos que se refieren a la colectividad de una manera particular. En esta perspectiva, es posible comentar sobre el proceso de creación literaria y construcción del pensamiento común de una sociedad que busca significado para su existencia. Por lo tanto, el presente trabajo tiene como objetivo analizar la aparición de aspectos sociales en la poesía y comprender este vínculo, a partir de reflexiones que examinan el hacer poético en un diálogo constante y necesario con los cambios sociales, crisis, avances y retrocesos. Esta investigación parte del análisis de los poemas “Marginália II”, de Torquato Neto y “Vozes-mulheres”, de

Conceição Evaristo, a partir del procedimiento metodológico de investigación bibliográfica basado principalmente en los teóricos Bosi (1977), Cândido (2006) y Paz (2012) para fundamentar la investigación que relaciona poesía literaria y sociedad. Así, el objeto de análisis aquí propuesto es la estrecha relación entre poesía y sociedad, ya que es posible darse cuenta de que desde las primeras manifestaciones poéticas, el poema es el resultado de la experiencia de cada período y se transforma como un eco que utiliza el lenguaje para producir efectos políticos y sociales, y dialogar con diversas áreas del conocimiento.

Palabras clave:

Poesía. sociedad. Contexto histórico. Escritura poética.

1. Considerações iniciais

É notável a presença de acontecimentos históricos e as formas de vivência da sociedade nas poesias de diferentes períodos históricos, tornando-se um reflexo ou crítica da esfera social ou abordando componentes outros que se referem à comunidade. Assim, vemos a relação da poesia com os conflitos sociais, refletindo sobre possíveis mudanças.

Nessa perspectiva de que a poesia faz alusão à realidade, podemos vivenciar acontecimentos históricos a partir lida com poemas de diferentes épocas, cada um com sua realidade social refletida, pois o meio influencia a escrita poética, serve ao poeta como fonte de inspiração/inquietação poética, o que faz do seu texto algo mais criativo e contemplativo, provocando respostas e reflexões sobre a realidade e os acontecimentos vivenciados pela sociedade.

Porém, cabe destacar, a poesia não se trata da narração de fatos, mas, de uma escrita recheada de questionamentos que servem como base para o entendimento e crítica do cotidiano e da vida social, é o ponto de encontro entre a produção histórica e o fazer poético, dialogando, os dois modos de olhar o mundo atribuir-lhe significado. Por esse entendimento, este engajamento de determinados poemas e poetas revelam e denunciam as necessidades humanas e apontam para a urgência de se utilizar da poesia como forma de expressão acerca do real, do tempo e do espaço. Assim, nesse artigo são feitas comparações entre contextos históricos e poesias produzidas no período, além de fomentar a leitura e valorização da escrita poética.

Dessa forma, é imprescindível o estudo e exploração da poesia levando em consideração os diálogos com a sociedade, uma vez que ela tem como função a compreensão da realidade. A poesia, por assim entender, possui ligação direta com o contexto histórico e social, o que a

torna mais ampla, assim contemplando diversas áreas de conhecimento, mesmo que não seja incluída no cenário de textos com importância histórica, política e social. A partir disso, esta pesquisa visa compreender esse vínculo entre escrita poética e vida social por meio de poesias contemporâneas e de determinados momentos históricos.

2. Poesia e sociedade

O contexto histórico é uma relação primordial entre literatura e sociedade, pois ele contribui tanto para a escrita literária, como para o poeta e o poema. É nessa dimensão que o poema se torna um sistema vivo, já que é fruto dos acontecimentos histórico-sociais de um povo.

Essas contribuições históricas, que permitem ao poeta dá vida à palavra, trazer questionamentos e críticas por meio da poesia, no entanto, esta sobrepuja-se ao que é histórico, como afirma Paz (2012, p. 193): “Como toda criação humana, o poema é um produto, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa num tempo anterior a toda história, no princípio do princípio.”.

Desse modo, o poema torna-se um fragmento autossuficiente, enquanto arte literária, mas guarda uma relação intrínseca com o contexto. Nesse sentido, ele pode fazer do leitor um ser crítico, capaz de compreender o momento histórico, político, social e econômico, uma vez que “a poesia é obra da cultura: Nasce e vive na história dos homens” (BOSI, 1977, p. 234), dialogando com o ponto de vista defendido, Cândido diz que “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (CÂNDIDO, 2006, p. 40). Construindo, assim, imagens do real, e atribuindo significado por meio da linguagem.

Na poesia, a realidade é reproduzida ou pensada por meio de recursos como a metáfora, linguagem simbólica e alegoria, mas nem por isso deixa de contribuir para desvelar aspectos das relações sociais e de poder. Nesse sentido, afirma o teórico Antônio Candido que “a poesia das sociedades permite avaliar a importância da experiência cotidiana como fonte de inspirações, sobretudo, com referência a atividade e objetos fortemente impregnados de valor pelo grupo” (2006, p. 39).

Quando analisamos a poesia pelo contexto social, não trazemos aqui somente referências dos fatores externos como panorama de um tempo histórico, mas uma construção capaz de fazer pensar sobre os acontecimentos políticos, independentemente, do meio em que circula es-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

se fato político. Tanto quanto sabemos, as manifestações artísticas são inerentes a própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, como afirma Cândido (2006). Perante vários aspectos, tais quais: políticos, sociais e culturais, podemos ver a poesia como eco que se utiliza da linguagem com intenção de produzir efeitos políticos e sociais além da relação entre o imaginário e o político.

Assim, a poesia não é produto do acaso, antes reflete uma história, o contexto político e social da época. O fazer poético, por assim dizer, é um meio de externar sentimentos e sensações, além de ser um ato libertador e revolucionário por natureza, promovendo o diálogo entre autor e leitor, levando-os à reflexão. Por assim ser, Octávio Paz diz que “todo estilo é histórico e todos os produtos de uma época, de seus utensílios mais simples e suas obras mais desinteressadas, estão impregnadas de história” (PAZ, 2012, p. 28).

A poesia medieval traz os grandes feitos de pessoas importantes da sociedade na época, ao abordar temáticas relevantes do período, além de questões religiosas, devido à forte influência eclesiástica, como é possível observar no trecho do “Poema do Cid”, tradução de Maria do Socorro Almeida, escrito por Pedro Abade em 1207:

[...] Deus, que bom vassalo!
Convidá-lo-iam com gosto,
el-rei Dom Afonso
antes dessa noite
com grande segredo
que a meu Cid Ruy Díaz
e aquele que lha desse
que perderia os haveres
e ademais
Muito dó sentiam
escondem-se de meu Cid,
O Campeador foi
assim que chegou ante a porta
por medo de Afonso el-rei,
que se ele não a arrombasse. [...]

A poesia apresenta feitos militares e as aventuras do cavaleiro Rodrigo Diaz de Vivar, o herói aclamado do período, além de adversidades entre cristão e mouros da Espanha Medieval. Já a poesia moderna, traz a interpretação da psique e dos sentimentos, dando maior ênfase à realidade interior, com linguagem simplificada e sucinta:

Embriagai-vos. É preciso estar sempre bêbado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tudo se reduz a isso; eis o único problema.
Para não sentir o fardo horrível do Tempo,
que vos abate e vos faz pender para a terra,
é preciso que vos embriagueis sem cessar.
Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude,
a escolha é vossa.
Mas Embriagai-vos.[...].

No poema “Embriagai-vos” do livro “Pequenos poemas em prosa”, de Charles Baudelaire, o poeta que dá início à poesia moderna, traz uma linguagem simples e apresenta as percepções acerca da vida moderna e a importância de valorizar o interior, as virtudes e a profundidade da poesia e, assim, não sucumbir no “fardo horrível do tempo”, da vida frenética e do progresso nas metrópoles. Logo, é possível perceber que desde os mais antigos poemas, e em todos os tempos, a poesia é fruto da vivência de cada período, a escrita poética é reflexo dos principais acontecimentos de cada época.

Nesse sentido, o poema nasce a partir da comunidade e sua vivência, tem suas bases firmadas no que é real, acompanhando as mudanças do ser e do tempo, sendo também um meio de autoconhecimento, levando-nos a examinar o que somos e quem somos, convidando a colocar em prática o conhecimento de si mesmo, e assim construir identidade própria, conhecer o outro e a sociedade em que vive, conforme a definição de Paz (2012): “Poema é ideograma de um mundo que busca seu sentido e sua orientação [...]”. Assim, o poema é um reflexo ao passo que faz refletir o todo social na construção de si mesmo.

O poeta reflete sobre temas que são de sua vivência, revela do seu mundo e do seu íntimo, compartilhando experiências e inquietações advindas do seu tempo e sua natureza. Com seus medos e incertezas usa o que é histórico para pensar além do que é histórico, mergulhando no tempo e refletindo sobre a condição humana a partir do seu processo de formação. “O poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e a qual alimenta” (PAZ, 2012, p. 191).

Sendo assim, a poesia é uma via de mão dupla, pois é construída a partir de fatores do ambiente, mas também pode modificar e contribuir com esse ambiente por meio da reflexão e mudança de conduta que pode produzir, como afirma Antônio Cândido:

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção

Dessa maneira, a arte tem sua estrutura baseada em fatos sociais, representando as condições de cada comunidade, sendo influenciada por esta, mas também exercendo influência sobre o meio. A poesia amplia os olhares, faz-nos ver além dos acontecimentos, pensar no que pode ser feito a partir dos acontecimentos, leva-nos à reflexão e à ação, e traz um olhar crítico e investigativo sobre os fatos ocorridos.

Esse aspecto histórico que se faz essencial na poesia, não torna, contudo, o poeta um historiador. Quanto à diferenciação entre poeta e historiador, Aristóteles no livro “Poética”, declara:

Não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e poeta, por escreverem verso e prosa (...) diferem, sim, em que diz um as coisas que se sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo mais sério e filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular. (ARISTÓTELES, Poét., IX, p. 115)

O historiador traz uma visão universal acerca dos acontecimentos, aborda-os de forma ampla e cautelosa, por meio da investigação do passado da humanidade e da descrição desses fatos. Enquanto a poesia possui um trato particular, ao versar sobre aspectos do cotidiano o faz com profundidade e sentimentalismo, exterioriza o íntimo do ser.

Distinção que, também, podemos ver com o trecho escrito pelas historiadoras Lília Schwarcz e Heloísa Starling e a poesia escrita por Pedro Terra (2009), a respeito das torturas praticadas na Ditadura Militar brasileira:

No Brasil, a prática da tortura política não foi fruto das ações incidentais de personalidades desequilibradas, e nessa constatação residem o escândalo e a dor. Era uma máquina de matar concebida para obedecer a uma lógica de combate: acabar com o inimigo antes que ele adquirisse capacidade de luta. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 457)

As historiadoras fazem a narração dos fatos ocorridos naquele período, por meio das investigações e descrição dos acontecimentos de forma metódica e contínua. A poesia, por outro lado, descreve os mesmos acontecimentos retratados de forma particular, por meio das impressões do poeta:

Fui assassinado.
Morri cem vezes

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e cem vezes renascei
sob os golpes do açoite.
[...]
Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos eletrocutados, dos “suicidas”,
dos “enforcados” e “atropelados”,
dos que “tentaram fugir”,
dos enlouquecidos.

Na poesia, o fato foi representado de forma subjetiva, a partir das impressões do poeta e com linguagem figurada, porém povoada da realidade das torturas mais diversas. Enquanto a história é a narração dos fatos ocorridos, a poesia é o fazer, é a ação ou o que poderia ter sido a partir dos acontecimentos, circunda o particular, o íntimo dos seres, e, assim, inquieta-os e integra-os ao que é universal. Surgindo da linguagem verbal, com referência na oralidade, expressa o pensamento do eu poético e traz nas entrelinhas muitos significados.

A poesia é a manifestação mais intensa dos sentimentos humanos, e nasce com o intuito de apresentar a realidade de forma poética ao homem por meio da verbalização. “A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual vale a pena lutar”, Bosi (1977, p. 191) e, assim, permite ao se observar a realidade de forma holística e aprofundada, pois, a poesia vai muito além das aparências. Dessa maneira, “[...] a poesia nos abre a possibilidade do ser que decorre de todos, nascer, recriar o homem e o faz assumir sua verdadeira condição; que não é alternativa vida ou morte, mas uma totalidade: vida e morte num único instante de incandescência” (PAZ, 2012, p. 163).

Portanto, a poesia possibilita ao homem uma forma diversificada de ver o outro e o mundo, leva-o à reflexão e à criticidade, utiliza-se de símbolos poéticos traz uma perspectiva do real, constrói, assim, um caráter humanizador que irá proporcionar a mudança de mundo.

A poesia é a arte de compor através de versos, modo de expressão artística, sugere emoções e desperta a sensibilidade por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados. Por meio de figuras de linguagem, faz com que o homem mergulhe em seus sentimentos mais profundos. Segundo Paz, é uma arte inerente ao ser, “a nossa língua e nossa poesia, por sua vez, são um afluente da grande tradição que começou com os primeiros homens e que só acabará quando nossa espécie emudecer” (PAZ, 2012, p. 13), pois, está ligada à linguagem, uma faculdade inata do indivíduo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Vemos que a poesia nasce primeiro na imaginação, em seguida torna-se concreta através da linguagem, obtém uma plurissignificação por meio de metáforas como apreensão do real, assim, “a poesia é esse trabalho através de uma experiência com o ser, lembrar e custodiar, mediante a força de uma linguagem bela e memorável, aquilo que, nomeando-os, é o sinal de uma comunidade autêntica” (BOSI, 1977, p. 84).

Dessa forma, a poesia com sua plurissignificação possibilita ao leitor várias interpretações da realidade, leva-o a buscar outras possíveis leituras, faz pensar sobre e sensibiliza. De acordo com Santo Agostinho apud Bosi (1977), a poesia é criada por meio das imagens, pois o olhar é o mais metafórico dos sentidos, ele liga os elementos que nos envolvem e constrói uma nova possibilidade de enunciar, a poesia é brincar com as palavras e a imaginação, envolve-nos nas mais diversas temáticas. Como é possível observar no poema “Tem tudo a ver”, de Elias José:

A poesia
Tem tudo a ver
Com tua dor e alegrias,
Com as cores, as formas, os cheiros,
Os saberes e a música do mundo.
A poesia
Tem tudo a ver
Com sorriso da criança,
O diálogo dos namorados,
As lágrimas diante da morte,
Os olhos pedindo pão.
A poesia tem tudo a ver
Com a plumagem, o voo,
E o canto dos pássaros,
A veloz acrobacia dos peixes,
As cores todas do arco-íris,
O ritmo dos rios e cachoeiras,
O brilho da lua, do sol e das estrelas,
A explosão em verde, em flores, e frutos.
A poesia
– é só abrir os olhos e ver-
Tem tudo a ver
Com tudo.

O autor externa sobre a possibilidade de se criar poesia com qualquer contexto ou situação, pois ela é viva e dinâmica. Dialogando com os teóricos citados, pois confirmam a interdisciplinaridade e a relação da poesia com a realidade e a percepção desta que nasce a partir do olhar para o mundo.

Portanto, é de suma importância a exploração da poesia levando

em consideração sua conexão com fatos históricos e sociais, promovendo o diálogo com várias áreas de conhecimento, havendo a necessidade de incluí-la entre textos de importância histórica, política e de crítica social.

3. O retrato da sociedade brasileira durante a Ditadura Militar na música “Marginália II”, de Torquato Neto

Torquato Pereira de Araújo Neto, nasceu em Teresina, em 1944, é um escritor marginalizado e pouco divulgado, conhecido por sua participação em movimentos de contracultura durante a Ditadura Militar, usava a música e a poesia como forma de expressão, resistência e de denúncia da situação precária em que o país se encontrava, como fica esclarecido na música “Marginália II”, escrita em parceria com Gilberto Gill, disponível em: (<https://www.escritas.org/pt/t/13128/marginalia-ii>, 2019):

Eu, brasileiro, confesso
minha culpa meu pecado
meu sonho desesperado
meu bem guardado segredo
minha aflição

Eu, brasileiro, confesso
minha culpa meu degredo
pão seco de cada dia
tropical melancolia
negra solidão:

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
ou lá

Aqui o terceiro mundo
pede a bênção e vai dormir
entre cascatas palmeiras
araçás e bananeiras
ao canto da juriti

Aqui meu pânico e glória
aqui meu laço e cadeia
conheço bem minha história
começa na lua cheia
e termina antes do fim
aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
ou lá

Minha terra tem palmeiras

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

onde sopra o vento forte
da fome do medo e muito
principalmente
da morte

o-lelê, lalá
a bomba explode lá fora
e agora, o que vou temer?
yes: nós temos banana
até pra dar,
e vender [...]

O poema/música vem com um toque de ironia e sarcasmo tratar dos problemas sociais do período, referindo-se à sociedade marginalizada – explícito no título escolhido pelo autor – pessoas que viviam à margem dessa comunidade devido o medo de manifestarem-se causado pela censura e opressão praticadas pelo sistema político vigente nesta fase. Nas duas primeiras estrofes, a música traz a confissão desse brasileiro, tido como cidadão sempre feliz, que canta sobre as belezas e riquezas naturais de sua terra, confessa sua tristezas e insatisfações acerca de sua pátria, “tropical melancolia” apesar de encontrar-se em um cenário paradisíaco, revela-se melancólico com a situação de seu país, mas também assume sua culpa “eu, brasileiro, confesso / minha culpa meu degredo”, reconhece sua expatriação e comodidadediante da realidade de sua nação, e encontra-se em um momento de autoanálise e autocrítica.

Na sequência, traz a repetição “aqui é o fim do mundo / aqui o terceiro mundo” reporta-se à condição de país subdesenvolvido e dependente economicamente. Com a reiteração destaca o não-conformismo em relação a isso. Nas estrofes seguintes, o eu lírico continua a expor sua inquietação por meio de antíteses “aqui meu pânico e glória / aqui meu laço e cadeia” mostrando sua tentativa de compreender as disparidades presentes em seu país.

Logo após, vemos a intertextualidade com o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, trazendo a ideia de contrariedade, “minha terra tem palmeiras / onde sopra o vento forte / da fome do medo / e muito / principalmente / da morte” enquanto um aborda sobre as belezas e a saudade de sua terra de forma romantizada, o outro traz o choque de realidade e o desencanto ao expor os efeitos da Ditadura e evidenciar a precariedade na qual vive o povo, a fome, a violência e, conseqüentemente, a sensação de medo recorrente entre a população. É possível observar no decorrer do poema/música o constante paradoxo, de um eu poético (eu social) apaixonado por sua pátria e seus encantos, mas extremamente me-

lancólico e insatisfeito com os acontecimentos e crises vivenciados. Dessa forma, finaliza “a bomba explode lá fora / e agora, o que vou temer? / yes: temos banana / até pra dar, / e vender”, ressaltando mais uma vez o estereótipo brasileiro de que mesmo em momentos de crise, consegue levantar a cabeça ou “dar banana” referindo-se ao gesto de desdém ou desaforo, mostra o brasileiro que não se cala diante das circunstâncias e luta por melhorias, seja através da poesia, da música, das manifestações/atos políticos de rua, por meio de vozes brasileiras que lutam contra a opressão que domina e chega ao poder de tempos em tempos e assombra e assola e tira direitos, oprime, tortura e mata quem grita, quem não se cala e quem mais precisa de proteção do Estado.

4. *A voz da mulher negra perante a sociedade na poesia “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo*

Maria da Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946, participante bastante expressiva em movimentos de conscientização e valorização da cultura negra. A escritora brasileira lançou-se na literatura em 1990, com poemas e contos que traziam a condição da pessoa negra na sociedade brasileira. Desde a infância teve na leitura e na escrita o meio de dar asas aos sonhos, mudar a sua realidade de extrema pobreza, além de denunciar o descaso e a discriminação, o que será comprovado após a leitura do poema vozes-mulheres, do livro “Poemas da recordação e outros movimentos”:

A voz de minha bisavó
Ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Por meio da leitura do poema, notamos um dado contexto histórico e social no qual o eu-poético (eu social) é definido pela cor de sua pele, nos leva a rememorar a questão da escravidão e a colocação da mulher negra em uma sociedade patriarcal na qual ela é emudecida. Aborda também sua luta antirracismo e antissexismo. Os primeiros versos do poema dão ênfase à essencialidade de falar da relação de coletividade e ancestralidade, traz a lembrança de seus antepassados reconstruindo essa trajetória repleta de sofrimento e injustiças durante o período de escravidão. “A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio”, rememora a imagem do escravo e seu transporte até o Brasil, mostra um eu social com consciência de sua história e inconformado, marcado pela dor de ser negro/a. Na sua busca pela liberdade traz à tona o seu passado de opressão, que não deve ser esquecido. A repetição do verbo “ecoou” traz à lembrança a dor de seus ancestrais que transcorrem o tempo e se expressam em dor real e atual no poema, faz alusão à submissão, silêncio e obediência, evidenciando seu destino já traçado e sua infância perdida devido a segregação, devido a ruptura forçada com suas origens, terras e povos africanos.

Em seguida, na reconstrução de sua linhagem, o eu poético social traz os ecos da voz da mãe, mesmo em uma sociedade sem escravidão continua marginalizada e rejeitada “no fundo das cozinhas alheias/ debaixo das trouxas/ roupagens sujas dos brancos/ pelo caminho empoeirado/ rumo à favela” evoca a exploração, as péssimas condições de trabalho e moradia, assemelhando-se ao passado de servidão e discriminação marcado pela cor de sua pele. Porém, essa voz antes silenciada, já começa a esboçar sinais “ecoou baixinho revolta”, mesmo que por sussurros, já tem a consciência de exploração e apresenta ecos de inquietação e in-

conformismo.

Já na quarta estrofe, a voz antes emudecida se sobrepõe, mostra a sua força e expressividade, na luta contra uma condição social ainda existente, um destino ainda não transformado, reúne os sofrimentos guardados de seus ancestrais, “A minha voz / ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e fome” apresenta o clamor, esbraveja todo o martírio suportado de forma submissa durante séculos, traz em sua voz o eco de seus precedentes, traz as vozes caladas ou sussurradas do seu passado. Ergue a sua voz e fala pelos seus, fala de sua trajetória de dor, mas mostra esperança no futuro “A voz de minha filha / recolhe em si / as vozes mudas caladas engasgadas na garganta”, projeta sua esperança na filha e a prepara para a luta de sua raça por liberdade e independência. “Na voz de minha filha / recolhe em si / a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora” constrói a identidade da mulher negra a partir da memória: antes, submissa e silenciada, mas agora ativa, não tem apenas a fala mas também o ato, revela as mulheres que a antecedeu, e evidencia uma mulher forte e determinada, que olha para o passado, para as marcas do sofrimento como uma forma de preparar-se para o futuro e impulsionar seus sonhos e objetivos. Esse poema é um retrato da história da mulher negra no Brasil, perpassando a realidade vivida nos navios negreiros até ao momento atual de vozes mulheres negras, como a da escritora Conceição Evaristo, que não se calam nem se conformam diante da realidade social.

Essa voz mulher negra do poema, está para além de ser apenas a voz de um “eu lírico” ou “eu poético” simples como nas definições das teorias da poesia. Esses “Eus” que denunciam as agruras vividas por seus ancestrais, que não se calam diante da persistência do racismo e da discriminação e objetificação da mulher negra é um EU SOCIAL consciente da necessidade de luta, de gritos, que se expressa por meio da escrita poética e em prosa, por meio de debates que defendem a garantia de direitos já conquistados e busca garantir uma vida digna para as pessoas negras no Brasil.

5. Considerações finais

Considerando o que foi exposto, é possível perceber que a poesia faz alusão à realidade e contexto histórico. Essa percepção a torna mais ampla contemplando diversas áreas de conhecimento, tornando-se imprescindível o seu estudo e exploração levando em consideração os diálogos com a sociedade e sua conexão com fatos históricos e sociais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por meio das poesias analisadas, tornou-se perceptível a relação do poeta com a principais temáticas que o envolvem, utilizando-a como forma de refletir, sensibilizar o leitor a lutar por ideais que envolvem a comunidade como um todo. Constitui-se como um ato libertador e revolucionário, promove o diálogo entre autor e leitor, dá vida à palavra e produz efeitos políticos e sociais. Com seu caráter humanizador, leva-nos à reflexão e mudança de comportamentos.

Por assim ser, a poesia deve ser incluída no cenário de textos que possuem importância histórica e social, ser utilizada em sala de aula, posto haver a necessidade de fomentar a sua leitura e análise como forma de socialização e instrução, além de refinar o senso crítico, empático e humanizado do ser, oferecendo-lhe a leitura de poesias com seu trato particular de ver o mundo e a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria do Socorro. *Poema do Cid*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. (Tradução)

ARISTÓTELES. *Poética*. 7. ed. São Paulo: Imprensa Nacional, 2003. Disponível em: <www.academia.edu/4050547/ARIST%C3%93TELES>. Acesso em: 15 Out. 2019.

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1821.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In. *Poemas da recordação e outros movimentos*. São Paulo: Nandyala, 2008.

JOSÉ, Elias. Tem tudo a ver. In. *Coletânea de poemas*. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/7931/coletanea-poemas.pdf>> Acesso em: 24 Out. 2019.

MACHADO, Ronaldo Silva. História e poesia na poética de Aristóteles. In. *Revista de Humanidades*, V. 1, n. 1, ago/set. de 2000. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme> Acesso em: 28 Jul. 2019.

NETO, Torquato. Marginalia II. In: *Os últimos dias de paupéria*: do lado

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de dentro. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: M. Limonad, 1982. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/13128/marginalia-ii>> Acesso em: 25 Out. 2019

PAZ, Octávio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TIERRA, Pedro. *Poemas do povo da noite*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.